

POR UMA CIÊNCIA DA COMPLEXIDADE: SABERES CIENTÍFICOS, SABERES DA TRADIÇÃO

FOR A SCIENCE OF COMPLEXITY: SCIENTIFIC KNOWLEDGE,
TRADITIONAL KNOWLEDGE

Ozaias Antonio Batista¹
Joicy Suely Galvão da Costa²



ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. São Paulo: Livraria da Física, 2010.

Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição é um livro capaz de despertar a curiosidade de qualquer pesquisador, não importando seu campo de formação ou atuação, pois, além de problematizar as bases epistemológicas que constituem a ciência moderna, Maria da Conceição de Almeida propõe estratégias cognitivas capazes de religar as distintas formas de se compreender os fenômenos que se manifestam na relação do homem com o mundo a sua volta.

Ao convidar os leitores a dialogar com autores tais como Edgar Morin, Ilya Prigogine, Claude Lévi-Strauss, Mia Couto, sua argumentação levará em conta a ecologia dos conhecimentos enquanto estratégia epistemológica e política que possibilita a reorganização do paradigma científico que, com o advento da

modernidade, se distanciou assepticamente dos saberes construídos fora do âmbito acadêmico na tentativa de se estabelecer enquanto saber hegemônico. A esses saberes que ficaram à margem de um saber científico oficial, Almeida dá a alcunha de saberes da tradição, ou seja, aqueles gestados por meio de estratégias vivas que não se enquadrariam em um modelo padrão de método da Ciência porque estão em contato direto com os fenômenos do mundo e da vida.

O cenário de reorganização do conhecimento que se refere à pesquisadora, não se configura de forma harmônica, principalmente frente à tentativa de alguns pensadores em manter os pressupostos científicos que norteiam a ciência moderna no patamar que conquistou para si. Uma ciência purificada dos afetos e da

¹ Professor Assistente no Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Piauí (UFPI/ Campus Bom Jesus). Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS/UFRN). Mestre em Ciências Sociais (PPGCS/UFRN) e Graduado em Ciências Sociais (UFRN). Possui experiência como professor no ensino médio, superior e educação a distância nas disciplinas de Sociologia, Ciências Sociais e Educação. Participou de Projetos de Pesquisa, Ensino e Extensão na UFRN e ONGs localizadas na cidade do Natal/RN. Tem interesse em pesquisas que envolvam a Cultura e o Imaginário Poético, Ciências Sociais e Educação, assim como Ensino de Sociologia. Currículo Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4208464A5>

² Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e professora de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Currículo Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4236255Y8>

experiência pessoal do pesquisador, por exemplo. Mais do que uma proposição epistemológica, a ecologia dos conhecimentos se apresenta enquanto estratégia política promotora de outras concepções de cultura e ciência, encadeando novas perspectivas analíticas através de pesquisas transdisciplinares, isto é, de cunho complexo, que leva em consideração as múltiplas faces de um mesmo problema, acolhe o erro e a incerteza do conhecimento.

Nesse sentido, a autora explica que, para o pensamento complexo, o chamado rigor científico não está na busca por pressupostos metodologicamente programados a priori, mas na faculdade que o pesquisador possui de estabelecer estratégias cognitivas de compreensão das diversas dimensões de um fenômeno. Tal atitude investigativa tenta não repetir o padrão da fragmentação e oposição tão a gosto num tipo de “ciência normal”, como diria Thomas Kuhn.

O diálogo com as diversas faces do fenômeno investigado é possível se o pesquisador for capaz de estabelecer conexões com outras formas de produção do conhecimento, seja na dimensão literária, artística, filosófica, religiosa, sociológica, antropológica.

Ao longo da história da ciência produzida no Ocidente, percebe-se um histórico de distanciamento gradativo do conhecimento científico em relação às outras formas de produção do conhecimento, gerando um fosso entre o saber científico e o saber da tradição, no interior do qual o primeiro elabora para si métodos, critérios e modos de organização de informações que o diferencia

do segundo que, muitas vezes, mantém relação muito mais próxima com a natureza estendida, operando na combustão dos acontecimentos *in vivo*. A primeira forma de organização do modo de produção do conhecimento trouxe uma implicação para o homem moderno, o que a autora vai definir, tomando de empréstimo um operador cognitivo elaborado por Vandana Shiva, como *monocultura da mente*:

A diversidade das histórias locais, os modos diversos de conhecimento da natureza, o elenco de soluções para problemas pontuais, as distintas linguagens simbólicas de compreensão do mundo têm sido suprimidas ou são aliciadas, traduzidas, ou mesmo substituídas pelo modelo uniformizador do conhecimento universal (ALMEIDA, 2010, p. 35).

Com essa *monocultura da mente*, a democracia cognitiva se torna impraticável, uma vez que se tem disseminado uma compreensão de que o conhecimento da tradição ocupa uma posição inferior, isto é, de descrédito, frente aos saberes científicos, os quais buscam traduzir muitos desses saberes milenares para um código, uma cifra que não lhe é familiar: a linguagem acadêmica.

Grandes descobertas surgidas na história da humanidade foram gestadas por “pessoas comuns” a partir da observação de seus ambientes corriqueiros, e não elaboradas em laboratórios institucionalmente constituídos. Com tal argumentação, a autora não defende o fim da instituição científica e o ápice dos saberes da tradição, mas procura apresentar a inviabilidade de se compreender

determinado fenômeno ou manifestação de forma unilateral, ou seja, apenas pelo olhar limitado do “pesquisador da ciência”, sendo também necessária a intervenção do que ela vem a chamar de “intelectual da tradição”, aquele sujeito que à sua maneira e com os elementos que tem à sua disposição, é capaz de elaborar leituras sistemáticas dos fenômenos e, por meio de uma abordagem de experimentação do mundo, estabelecer conexões de informações diversas, transformando-as em conhecimento.

Todo conhecimento se caracteriza como uma forma de ordenamento do mundo, de organização do aparente caos das coisas. Nesse sentido, ao longo da história da humanidade, o homem tem construído uma série de saberes que se expressam enquanto estratégias do pensamento para ordenar o mundo à sua volta, de modo que em todas as épocas é possível encontrar intelectuais que constroem seus conhecimentos, repassando-os para gerações posteriores de forma oral e experimental, conforme nos mostra o exemplo emblemático do homem na Era Neolítica.

O pensamento científico constelado na época moderna negligenciou os pressupostos construídos pelo homem neolítico, institucionalizando seu modo de pensar, bem como relegando aos saberes da tradição espaços marginais nos processos de disseminação e produção do conhecimento. Estes saberes foram utilizados pelos “pesquisadores da ciência” apenas em uma perspectiva de tradução ou como simples matérias primas para exemplificar uma prática cultural dotada de exotismo que em nada lhe é particular,

ocasionando, por consequência, um desprestígio por parte dos cientistas aos intelectuais da tradição.

Visando tal problemática, a autora vai mostrar “A dupla face de um mesmo intelectual”, objetivando criticar a postura do pensador que se porta enquanto ventríloquo, que se preocupa apenas em traduzir as construções elaboradas pelos indivíduos a partir de suas relações com o outro e a natureza. Contrapõe esta concepção verticalizada de intercâmbio de saberes, e apresenta o intelectual para além do sujeito que detém os elementos da cultura científica, como qualquer indivíduo que observa os fenômenos ao seu redor de forma detida, construindo métodos para elucidá-los. É recrutado de cada pesquisador manter essa dupla face, como o mitológico Jano, porque só assim lhe será possibilitado produzir uma ciência nova, capaz de unir mito e logos, cultura humanística e cultura científica, saberes científicos e saberes da tradição.

Assim sendo, é um equívoco conferir aos saberes da tradição a alcunha de senso comum, pois os saberes da tradição e os saberes da cultura científica são frutos da mesma capacidade cognitiva do homem, sendo os primeiros mais próximos ao que Lévi-Strauss chama de uma “lógica do sensível” (ALMEIDA).

A leitura que o “intelectual da tradição” constrói em torno da realidade que o circunda (fenômenos físicos, fauna, flora) não deve ser abordada pela perspectiva da tradução, a qual, tomando como parâmetros os pressupostos pertencentes à ciência moderna, tenta averiguar a potencialidade analítica de tal saber – chegando a desclassificá-lo enquanto

saber não-científico. Todavia, é preciso compreender os princípios que estruturam tal cosmovisão, estabelecendo certo diálogo com o conhecimento elaborado pelo “pesquisador da ciência”.

Ambos intelectuais não estão em posições antagônicas, mas se diferenciam por utilizar estratégias cognitivas díspares, mas que não se excluem reciprocamente. Sabendo que o “pesquisador da ciência” está mais distante do objeto de experimentação, procurando construir postulados com parâmetros que levem a um conhecimento objetivado, enquanto que o “intelectual da tradição” opera com uma proximidade do objeto experimentado. O primeiro trabalha no laboratório *in vitro*, o outro no laboratório *in vivo*. Recuperando as metáforas do engenheiro e do *bricoleur* construídas por Lévi-Strauss, Almeida diz que o “pesquisador da ciência” prima pelas técnicas investigativas, pela certeza e o controle, longe de impossibilidades ou surpresas no processo de elaboração de seu estudo, ou seja, com um projeto previamente definido; o “intelectual da tradição” atua como o *bricoleur*, não principalizando um projeto apriorístico, fazendo uso de estratégias, acolhendo a incerteza e as bifurcações do caminho de pesquisa e sabendo que todo conhecimento, por mais elaborado que seja, é sempre parcial e incompleto.

Nesse sentido, se faz necessário o processo de dessacralização dos saberes, seja o científico ou da tradição, pois esse processo culminará na construção de uma ciência aberta, capaz de estar em constante auto-organização.

Nessa esteira, a autora alerta para a historicidade dos conceitos, os quais

possuem certa limitação analítica no tocante às explicações dadas para certos fenômenos. Da mesma forma que eles surgem, também são passíveis de serem substituídos por outras construções conceituais mais adequadas às manifestações socioculturais e políticas gestadas em cada tempo.

De acordo com Almeida (2010), a pluralidade social e cultural só se concretizará mediante a consolidação de uma ecologia dos conhecimentos. Esta ecologia traz em sua estrutura pressupostos que igualam a limitação analítica entre os saberes, distinguindo-os, mas não promovendo oposições. Por fim, a autora aborda o saber científico e o saber da tradição enquanto construções humanas que devem estar distantes das universalizações em seus postulados³.

³ Nós autores, agradecemos a leitura crítica do Prof. Thiago Isaías Nóbrega de Lucena.